

A REVOLUÇÃO NA OBRA DE CARPENTIER

Márcia Hoppe Navarro

Universidade Federal do RGS

Na guerra revolucionária que é uma só no mundo, o importante é ganhar batalhas em alguma parte.

(Alejo Carpentier, *A sagração da primavera*)

Os romances de Carpentier se caracterizam por uma busca incessante da recuperação histórica do continente americano através da ficção. Esta busca não abrange apenas a história do Novo Continente em todas as suas peculiaridades, mas também trata de avaliar como eventos históricos ocorridos nos países centrais, particularmente aqueles acontecimentos na França e Espanha, ecoaram na América Latina. A análise da visão histórica do escritor cubano requer uma averiguação sobre a série de revoluções — às vezes apenas insurreições — que compõem a trama narrativa destes romances. Através da confrontação dos elementos conceituais mais significativos reconhecidos em suas obras, salientando-se, neste caso, *O reino deste mundo* (1949), *O século das luzes* (1961), *O recurso do método* (1974) e *A sagração da primavera* (1978) percebe-se que o autor introduz, cumulativamente, a partir de cada romance, uma nova reflexão sobre o significado de certas ocorrências históricas. Mas o ponto nuclear desta concepção é que os processos históricos se desenvolvem, necessariamente, através de uma seqüência de revoluções, irrompidas com variadas intensidades em sua ficção.

O ponto que será analisado — na expectativa de comprovar o oposto — é a acusação de apostasia política endereçada ao autor, isto é, que sua obra representa uma ruptura com sua visão de mundo marxista. Alejo Carpentier, desde a juventude, revela sua preo-

cupação com a injustiça social em que vivem as classes subalternas na América Latina. Com apenas 17 anos, participa do Grupo Minorista Cubano, que reúne intelectuais para discutir as transformações que ocorrem no mundo, entre estas a recente revolução russa e "os dez dias que abalaram o mundo". Por defender a democracia, é preso pelo regime do ditador Gerardo Machado em 1927, aos 23 anos de idade. Em 1937, Carpentier visita a Espanha, durante a guerra civil, neste momento manifestando de modo inequívoco sua identificação com as causas populares e com o anti-fascismo. Durante toda a sua vida, em numerosos ensaios, conferências e crônicas, o escritor cubano demonstra sua crença na potencialidade de uma via socialista para superar a tragédia social latino-americana que, acrescenta, somente se materializará através da revolução.

O exame dos livros referidos pretende demonstrar que a ficção de Carpentier é consistente com sua visão de mundo, e uma análise de sua obra comprova seu envolvimento dialético com a realidade objetiva. Carpentier expressa a visão marxista de desenvolvimento social e histórico, repisando a oposição de Marx a todas as formas de opressão política e de exploração econômica.

Em termos de conteúdo, ou outros desenvolvimentos literários formais, não há muitos temas recorrentes nestes livros. Mas, no que concerne à visão histórica de Carpentier, encontram-se muitos pontos de semelhança. Embora as referências geográficas descritas nos romances remetam-nos à mesma região do Caribe, há uma nítida diferença temporal entre eles. Os dois primeiros referem-se a um período de tempo que abrange desde meados do século XVIII até o início do século XIX, enquanto *O recurso do método* transcorre durante as primeiras décadas deste século, ou mais precisamente, entre 1913 e 1927, como sugere o autor. *A sacração da primavera* se desenvolve a partir do início dos anos 30 e culmina na década de 60, depois da batalha da Playa Girón, em Cuba. Mantendo tais distâncias temporais em mente, não é difícil assumir que o propósito de Carpentier teria sido abarcar a história do continente, e em particular a história do Caribe, de maneira totalizante. E aqui deve-se enfatizar que ele entende a história como um processo-em-continuidade, cujos liames são arquitetados de um livro a outro.

A preocupação quase obsessiva de Carpentier em trazer a lume, através da literatura, alguns obscuros ou esquecidos capítulos

da história, tem seus fundamentos em sua visão da história como um processo em constante evolução. Talvez por esta razão afirmou que as duas justificativas principais que explicam sua preferência por temas históricos decorram do fato de que "ama os grandes temas, os grandes movimentos coletivos e também porque o homem é às vezes o mesmo em idades diferentes e situá-lo em seu passado pode ser também situá-lo em seu presente".¹

Em *O reino deste mundo*, Carpentier retratava — sempre usando como fio condutor o escravo Ti Noel em sucessivas etapas de sua vida — as lutas geradoras da independência do Haiti. Resumidamente, este processo pode ser avaliado como uma seqüência de tentativas de libertação malogradas, que ocorreram durante a época limitada pela narrativa. Por esta razão, muito já foi dito sobre o posicionamento ideológico do escritor cubano, tendo em vista os processos políticos introduzidos neste seu primeiro romance histórico, e vários críticos assumiram a polêmica postura de tentar enquadrá-lo no rol dos livros anti-revolucionários. Rafael Bosh, por exemplo, afirma que *O reino deste mundo* "consegue introduzir plenamente a temática reacionária. O livro é uma evocação anti-revolucionária das lutas independentistas do Haiti".² O freqüente recurso às rebeliões fracassadas e a conseqüente frustração das massas de escravos que não alcançam sua liberdade, representariam, segundo tais julgamentos, a desilusão de Carpentier com processos revolucionários incapazes de promover mudanças reais ou conduzir a transformações políticas efetivas. Assim, eventos históricos como o envenenamento dos brancos liderado por Mackandal e sua posterior imolação na fogueira; a rebelião comandada pelo jamaicano Bouckman e reprimida com o massacre de 1791; os governos de Toussaint-Louverture e Leclerc, anteriores à "independência" de 1804; a ditadura, que se seguiu, do negro Henri Christophe, que provou ser tão despótico, ou até mais, do que os governadores brancos que o precederam e a instauração da "República dos Mulatos", sob a presidência de Jean Pierre Boyer, seriam apenas o reflexo da decepção do autor com processos revolucionários em geral.

Acréditado, no entanto, que este raciocínio representa um equívoco, pois Carpentier certamente consegue um resultado bastante diverso. Na conclusão do romance, por exemplo, Ti Noel é possuído por um "supremo instante de lucidez" que lhe permite vislumbrar que a grandeza do homem está precisamente na sua irrefreável

vontade transformadora do mundo, e nem sempre para si mesmo, mas talvez para pessoas que nunca conhecerá. O escravo considera que este processo não deve encontrar obstáculos intransponíveis, nem ser definitivamente comprometido por eventuais fracassos. O autor relata um desenvolvimento histórico específico que testemunhou tais fracassos, o que não significa, necessariamente, que admita como natural tal desenlace. Por isso, a conscientização final de Ti Noel é essencialmente dialética, representando a esperança real e objetiva de Carpentier na evolução histórica do homem, que tornará possível a progressiva melhoria das condições sociais nos "reinos deste mundo".

Da mesma forma, o romance *O século das luzes* foi prontamente rotulado de reacionário por alguns críticos, inclusive acusando, como Rodríguez Monegal, que através de uma analogia com a Revolução Francesa, o autor critica o processo revolucionário cubano.³ Sabe-se, no entanto, que o ocorrido foi justamente o oposto. Como o próprio Carpentier afirmou, ele acabara a redação do romance em 1958, antes, portanto, da precipitação do processo revolucionário. E explica que somente publicou o livro três anos depois justamente porque se encontrava inteiramente absorvido pelas vicissitudes da revolução cubana, para que pudesse se dedicar a qualquer outra atividade — inclusive dar o acabamento formal ao romance.⁴ É curioso, então, que mesmo após a publicação de vários artigos esclarecedores sobre o assunto,⁵ certas críticas insistam na difusão de noções equivocadas a respeito da obra de Carpentier. Tal é o caso de Vintila Horia que afirma que "*O século das luzes* de Alejo Carpentier é o romance mais autenticamente anti-revolucionário jamais escrito por um escritor ocidental".⁶

Pelo contrário, Carpentier demonstra, em *O século das luzes*, a irreversível decadência da Revolução Francesa em todos os seus matizes, do idealismo inicial à escalada da violência, através, principalmente, de um personagem histórico, embora controverso — Victor Hugues. Seu comportamento apresenta uma dicotomia que parece bastante trágica porque, embora a princípio ele seja um revolucionário idealista, é parcialmente através de seus atos que uma forma de ditadura transforma-se em outra. E Hugues acaba por se tornar um ditador mais repressivo do que os que antes combatia. No entanto, o romance de Carpentier, como um todo, é profundamente crítico, revelando a lucidez de sua percepção acerca

da evolução das sociedades humanas, cujo eixo propulsor de novos ciclos dentro da espiral histórica são sempre renovadas revoluções. Ou seja, a intenção do autor não é oferecer uma solução imediata e acabada a um problema definido por ele mesmo de "milenário", mas sim de abrir os olhos do leitor para a necessidade de "fazer algo", advertência, aliás, já presente em *O reino deste mundo*. Aqui, a ação de Sofia e Esteban, no final do romance, parece patética e insensata, se considerarmos o fato em si mesmo. Ou seja, o deliberado expor-se à morte — já que as tropas napoleônicas estavam metralhando os opositores espanhóis, a quem ambos se juntaram. Porém, se pensarmos na evolução destes dois personagens através da narrativa, levando em consideração sua progressiva conscientização, este "temos que fazer algo", dito por Sofia, assume um significado mais amplo no contexto da narrativa e, conseqüentemente, tem uma relevância política mais profunda.

Carlos Santander chama a atenção para a data de redação de *O século das luzes* — 1958. Com isso o crítico pretende sugerir que o diálogo final entre Sofia e Esteban ilustra a total adesão do autor à revolução cubana, que ocorreria pouco depois. Embora pareça paradoxal, a nota faz sentido, pois ele a seguir pergunta: "de que se trata cada romance de Carpentier senão de partir de novo, depois de cada fracasso, de cada decepção?"⁷ Por esta razão, a epígrafe de Zahar, em *O século das luzes* ("As palavras não caem no vazio"), representa a essência emblemática do romance, já que o próprio Carpentier resumiu o princípio do romance com uma frase: "Os homens podem fraquejar, mas as idéias seguem seu caminho e finalmente encontram sua aplicação".

Em *O recurso do método*, Carpentier traçou cuidadosamente o quadro de uma série de revoluções inconclusas, cujo nexos comum é a permanente repressão perpetrada pelo ditador de um país fictício, que constitui um microcosmo representando o todo mais amplo da América Latina. *O recurso do método* relata as frequentes tentativas de mudança através de rebeliões lideradas por aventureiros que, incidentalmente, tem os mesmos objetivos do Primeiro Magistrado — Galván e Hofmann. O comportamento destes líderes rebeldes é tão semelhante ao ditador que este até ressalta o que eles têm em comum, antes de se alçarem contra ele, enfatizando a fidelidade, amizade e, principalmente, a identidade em termos de ambição pessoal. Na verdade, se vitoriosas, estas insurreições não

significariam mudanças reais, e a estrutura social continuaria a ser caracterizada por relações sociais politicamente opressivas e economicamente desiguais.

A última revolução descrita em *O recurso do método*, também não mudará muito este quadro deplorável. De um modo geral, ela apenas substituirá uma agressiva dominação interna por uma mais sutil e difusa dependência externa. Portanto, a revolta liberal liderada por Leoncio Martínez não libertará o povo do jugo imposto aos países periféricos. Mas é importante notar que a visão histórica de Carpentier não é, como sugere, pessimista, apenas porque termina o livro como uma "revolução" que, substantivamente, nada modificará. Se a análise da revolução não nos permite inferir o conceito de revolução de Carpentier — já que, concretamente, representaria apenas um abrandamento da ditadura e o poder seria preservado pelas elites — a esperança de mudanças conseqüentes surge através de um personagem, o Estudante. Seu aparecimento na narrativa é algo fugaz, mas de fundamental importância, pelo papel que desempenha na exposição da visão de mundo do autor. Em apenas dois episódios, isto é, durante o diálogo-mudo que mantém com o ditador e no encontro final dos dois na Catedral de Notre-Dame, em Paris, aparecem a lógica e a força das idéias do Estudante, ao serem confrontadas com as do Primeiro Magistrado. Sendo "um homem de nova raça dentro de sua raça", como reconhece o cônsul norte-americano, ele simboliza a esperança de Carpentier em uma verdadeira revolução, transformadora do mundo, e para a qual é preciso lutar sem esmorecimento. Por isso, o fato de o Estudante se encontrar na Europa, no final da narrativa, para participar da "Primeira Conferência Mundial Contra a Política Colonial Imperialista", não representa apenas um detalhe menor no relato romanesco, mas sim um importante aspecto na compreensão da visão de mundo do autor.

A esperança manifesta de Alejo Carpentier na transformação do mundo através da luta revolucionária se concretiza em seu romance *A sagração da primavera*. Em Cuba, 1959, a primavera irrompe — é a consagração da revolução sempre almejada pelo autor. Neste seu último romance, Carpentier retomará o tema do desenvolvimento histórico através de sucessivas revoluções, um argumento recorrente em suas obras. O romance compreende várias décadas, iniciando-se nos anos 30, durante a Guerra Civil Espanhola,

onde ocorre o encontro entre os protagonistas da narrativa, Enrique, arquiteto cubano, e Vera, bailarina russa, estendendo-se até os anos 60, durante a Revolução Cubana.

Enrique participa das Brigadas Internacionais que lutam pela causa republicana durante a Revolução Espanhola. Ele saíra de Cuba forçado pela rica tia, devido à sua postura ideológica contra Gerardo Machado, ditador cubano de 1925 a 1933. A derrota na Espanha frustra seu sonho revolucionário mas, depois de uma série de erráticas idas e vindas pela Europa conturbada pela ascensão do nazi-fascismo, e com o advento da Segunda Guerra Mundial, e também confrontado com uma América Latina pontilhada por regimes ditatoriais, Enrique consegue encontrar enfim um sentido para sua vida, reconstruindo edifícios históricos para o governo revolucionário cubano. Vera, igualmente, poderá realizar seu sonho de levar ao palco a obra de Stravinsky, "A Sagração da Primavera" (que dá o título ao romance), supostamente através do Ballet Nacional de Cuba, pois como há um público com novas demandas, nada impede que a peça russa seja representada como pretendia, mesclando a música russa à cultura cubana.

Mas o crucial no romance é o processo de construção de valores que acompanha a Revolução, recolhendo a adesão disciplinada de Enrique e Vera, "burgueses e netos de burgueses", à moldagem de um mundo onde será necessário abandonar antigos conceitos. Como ela afirma no final da narrativa, "Tenho a impressão que a hora presente se aclara, oferecendo-me um Tempo novo em cujo transcurso futuro chegarei talvez a ser — por fim! — a que nunca fui".

Este fato é a demonstração cabal de que não há a menor ambigüidade neste romance a respeito da percepção da história por Carpentier. O autor finalmente expõe, de modo conclusivo, sua total adesão à revolução socialista em Cuba, e esta progressão conceitual e alinhamento político podem ser então completamente entendidos. Através de várias revoluções inacabadas, o povo foi se conscientizando da necessidade de uma mudança radical, onde suas esperanças não fossem novamente frustradas. Pois, como explicou Cliff Slaughter, "cada revolução traz com ela sentimentos de euforia e até de êxtase, expressão da esperança de que o dia da libertação foi alcançado. Marx declarou que o heroísmo necessário para se chegar às revoluções burguesas teria sido impossível sem

estas ilusões".⁸ Esta difusa aura de uma liberdade possível é, portanto, a força interior que move os personagens de Carpentier. Em *O reino deste mundo* descreve-se apenas a tomada de consciência de Ti Noel a respeito da tarefa do homem que, apesar dos fracassos das tentativas libertárias, deve prosseguir tentando melhorar o mundo, talvez para o benefício de "gente que nunca conhecerá". Em *O século das luzes* há o desenrolar de uma tese mais ousada, que leva Sofia e Esteban a lutar porque entendem que devem contribuir para a revolução que aprenderam a reconhecer como fundamental. *O recurso do método*, por sua vez, introduz a descrição de uma série de insurreições que permitem que a narrativa desemboque numa revolução liberal. Finalmente, *A sagração da primavera*, servindo de conclusão literária ao desenvolvimento conceitual, assegura um passo decisivo no processo histórico, quando termina na revolução socialista.

Assim, o projeto literário de Carpentier encontra seu desenlace no romance *A sagração da primavera*, que se ajusta com perfeição à mesma linha novelística, onde sua visão de um processo histórico totalizante se desenvolve gradualmente, até alcançar a revolução socialista. Sua obra não abarca apenas períodos históricos bem delimitados e que seguem uma disciplinada organização cronológica, mas também — e mais importante — seus romances definem o evoluir de uma concepção de mundo do autor. Se em cada livro particular ele parece seguir com o relato de um tempo histórico iniciado no anterior, isto é, prosseguindo além dos limites cronológicos alcançados na obra prévia, da mesma maneira, acrescenta em cada novo romance um passo adiante na exposição de suas idéias sobre a noção do desenvolvimento social.

No entanto, não se poderia deixar de mencionar ainda um detalhe, provavelmente importante. A revolução que culmina *A sagração da primavera* é uma revolução congelada, detida, consagrada, como indica o título, e como igualmente sinaliza o sintomático término da narrativa coincidindo apenas com os primórdios da revolução, no episódio da Baía dos Porcos, em 1961. Neste sentido, embora a crônica do processo social não apareça explicitamente neste romance de 1978, a obra poderia ser criticada por mostrar uma certa ingenuidade pretensamente propagandística da revolução cubana, o que não apenas diminuiria seu valor literário, mas

também tornaria a concepção literária do antigo Carpentier muito mais "revolucionária", já que mais dialética.

Não obstante tais incertezas, *A sagração da primavera* é o coroaramento de um projeto literário coerente de um autor que, como já apontou Jorge Quiroga, "participa das lutas de seu tempo".⁹

NOTAS

1. Em entrevista a Cesar Leante, "Confesiones sencillas de un escritor barroco", in: GIACOMAN, Helmy (org.) *Homenaje a Alejo Carpentier*. Nova Iorque, Las Americas Publishing Co., 1970. p.29-30.
2. BOSH, Rafael, "Análisis objetivo (o material) del primer Carpentier (1933-1962)", in: *Revista de Crítica Literaria*, n.4, 1976, Lima. p.87.
3. Conforme SANTANDER, Carlos, "El tiempo maravilloso en la obra de Alejo Carpentier", in: LOVELUCK, Juan (org.) *Novelistas hispano-americanos de hoy*. Madrid, Taurus, 1976. p.150-1.
4. In: GIACOMAN, Helmy, op. cit. p.28.
5. A este respeito, consultar os excelentes ensaios de Alex Márquez Rodríguez, "Dos dilucidaciones en torno a Alejo Carpentier", in: *Casa de las Americas*, Havana, n.87, 1974, p.35-44; de Ariel Dorfman, "El sentido de la historia en la obra de Alejo Carpentier" no seu livro *Imaginación y violencia en America*, Barcelona, Editorial Anagrama, 1972, p.130-50; de Julio Ortega, "Sobre El siglo de las luces", in: MÜLLER-BERGH, Klaus (ed.) *Asedios a Carpentier*. Santiago de Chile, Editorial Universitaria, 1972, p.191-207; e de Carlos Santander, "El tiempo maravilloso en la obra de Alejo Carpentier", op. cit., p.127-51, entre outros.
6. HORIA, Vintila, "Utopía y antiutopía en la literatura hispanoamericana: Alejo Carpentier, Ernesto Sábato y Julio Cortazar", in: TASCÓN, Valentin y SORIA, Fernando (org.) *Literatura en America Latina*. Salamanca, Editorial San Esteban, 1981, p.224.
7. SANTANDER, Carlos, op. cit. p.151.
8. SLAUGTER, Cliff. *Marxism, Ideology and Literature*. Londres, Macmillan, 1980. p.9 (Há edição em português).
9. QUIROGA, Jorge. *Alejo Carpentier*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1984. p.67.